

APRESENTAÇÃO

Criada há mais de trinta anos e batizada com nome de inspiração roseana, a Revista Matraga sempre contou com a colaboração de notáveis articulistas e com a coordenação e consultoria de reconhecidos professores e pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tanto da área de estudos literários quanto da de estudos linguísticos. Em seu percurso histórico, há diferentes fases que representam marcos para a consolidação da Revista no meio acadêmico-científico, os quais se revelam na ampliação de suas edições e escopo e na boa qualidade das discussões e reflexões, propostas por seus colaboradores e validadas por seus leitores.

Trata-se de um movimento contínuo de avanço, sempre respaldado pelo compromisso com a atualização da produção científica e sensibilidade às demandas sociais. É com este espírito que o presente número (44) da Revista Matraga, sintonizado com questões atuais do ensino e descrição da língua portuguesa e seu papel nas ações de internacionalização, anuncia “a hora e a vez” de um volume temático sobre Português Língua Não Materna (PLNM).

Considerando a atual situação político-econômica do Brasil, os movimentos migratórios mundiais e a necessidade de fomentar projetos de internacionalização em um mundo globalizado, já era mesmo tempo de voltar o olhar para um tema que coloca em pauta a descrição e o ensino de língua portuguesa para falantes não nativos. Apesar de este ser um país construído em bases multiculturais e multilinguísticas, os estudos sobre o ensino-aprendizagem de português como língua não materna receberam, até certo ponto, pouca atenção, tanto fora como dentro dos meios acadêmicos.

Essa realidade negligenciada e suas demandas vieram à tona mais recentemente, a tal ponto que muitos são aqueles que acreditam que a área de Português Língua Não Materna surge com a realização dos eventos mundiais que foram, na década atual, sediados pelo Brasil. Cabe dizer, contudo, que a “descoberta” pelo meio acadêmico e, em especial, pelo mercado de trabalho, não constitui o marco de seu surgimento que, a depender da perspectiva teórica, pode mesmo ser identificado nas políticas

de língua anteriores e concomitantes à colonização do Brasil.

O que se ressalta aqui é que, há muito, profissionais da área de língua portuguesa vêm se dedicando a pesquisar e refletir sobre diversos aspectos do ensino e da descrição do português como língua não materna, um fato que transcende o mundo lusófono. A esse respeito, pode-se dizer que uma investigação historiográfica logo revelaria que o ensino de língua portuguesa pode ser apontado como sendo de interesse mundial não é de hoje.

Recentemente, por exemplo, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio comemorou os 100 anos de Ensino de Língua Portuguesa no Japão. Outro exemplo, é o norte-americano. Quando se pesquisam as políticas de língua, praticadas por ocasião da Segunda Guerra Mundial, não é difícil identificar diferentes iniciativas norte-americanas em prol do ensino de português do Brasil. Parte dessas iniciativas está na criação, na década de 60, do Projeto *Modern Portuguese* que resultou, na década posterior, em um Manual de Ensino de Português para Estrangeiros de mesmo nome. Sua publicação contou a coautoria do professor Francisco Gomes de Matos e com a colaboração de, nada mais nada menos, do que Joaquim Matoso Câmara, Raquel de Queiroz, entre outros.

Esse profícuo cenário de grande lastro e produtividade ultrapassa quaisquer modismos e se impõe como fator consolidador deste campo teórico-prático, sustentando as tantas “novas” situações com que se deparam os profissionais atuais em seu cotidiano. Não é de se estranhar a profusão de siglas que tentam revelar as inúmeras vertentes do Português Língua Não Materna (PLNM) como PLE, PL2E, PL2S, PFOL, PLA etc. Já não é mais possível, portanto, negligenciar as necessárias discussões sobre ensino, aprendizagem, formação especializada de professores, elaboração de materiais didáticos que permeiam a realidade dos profissionais de ensino de língua portuguesa e que têm como pano de fundo políticas educacionais e de língua.

Os artigos que compõem o volume 25, número 44 da Revista Matraca, refletem essa variedade de assuntos e interesses que afetam o cotidiano escolar, as relações internacionais, as interações linguístico-culturais daqueles que usam o português como língua de comunicação. A revista está organizada com 10 artigos científicos, 02 resenhas e uma entrevista, congregando esforços de pesquisadores da maioria das regiões do Brasil, da Ásia e da Europa.

No âmbito da política externa brasileira e o seu papel para a difu-

são do português do Brasil, Leilane Morais de Oliveira, da Universidade de São Paulo (USP), faz uma análise da formação acadêmica de profissionais que atuaram como leitores no Programa de Letorado do Brasil, entre os anos de 2010 e 2014. O artigo problematiza as relações entre as políticas linguísticas, subjacentes aos critérios de seleção de leitores pelo governo brasileiro, e a escassez de cursos de licenciatura que contemplem as exigências de formação profissional especializada para atuação na área de Português para Falantes de Outras Línguas. A formação de professores especializados ainda é incipiente no Brasil, sendo habitualmente viabilizada através do oferecimento de disciplinas nos cursos de Letras e/ou de Linguística Aplicada, conforme revelam os registros da USP, UFBA, UFJF, UFMG, já citadas pela autora, e de outras como a UFF, UFRGS e UERJ, aqui acrescentadas.

Em direção similar, Joice Eloí Guimarães, da Universidade Estadual de Campinas e da Universidade de Estudos Estrangeiros de Hankuk (Coreia do Sul), contextualiza o ensino de português no Timor-Leste. Em seu artigo, apresenta e analisa dados do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste (PQLP/CAPES), discutindo não somente as lacunas na formação de professores que atuaram, durante o período investigado, no Timor-Leste, mas o lugar da língua tétum e da cultura timorense no ensino de português.

De fato, uma das questões que aparece assiduamente no debate sobre o ensino eficaz de português língua não materna é a do lugar da cultura nas aulas e materiais didáticos específicos. Embora pareça consensual a ideia de que língua e cultura sejam indissociáveis, ainda carecem de mais aprofundamento as reflexões acerca do equilíbrio entre a cultura subjetiva e a cultura objetiva nesse contexto. Torna-se mais relevante tal discussão, quando o desenvolvimento de competências linguístico-interculturais é colocado em jogo por causa de políticas linguísticas e educacionais que se deixam permear por tabus que ainda rondam o ensino de línguas. Este tema é discutido por Manjulata Sharma, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que – como estrangeira e professora de português – vivenciou situações de choque cultural que a despertaram para a necessidade de discutir o lugar do palavrão nas aulas de português para estrangeiros.

Ao leitor menos familiarizado com os estudos de língua, cabe alertar que é de interesse do pesquisador descrever e analisar os diferentes fenômenos linguísticos em suas inúmeras formas de manifestação. Neste

sentido, Manjulata Sharma, traz à discussão os aspectos semântico-pragmático do uso de palavras como componente lexicocultural nas interações discursivas. Os palavras podem revelar muito das crenças e valores dos usuários nativos de uma língua e facilitar o desenvolvimento da competência intercultural, desejável para o atingimento da proficiência do aprendiz na língua-alvo estrangeira, neste caso, o português do Brasil.

Sofia Oliveira Dias, da Universidade de Salamanca, segue também o caminho do estudo do léxico, apresentando um estudo sobre “falsos amigos”. O léxico é parte essencial do ensino de línguas e, quando em situação de contato linguístico, pode se transformar em um desafio ainda maior, em especial, em termos didáticos. Em seu artigo, a autora verifica e analisa criticamente a presença e a apresentação de “falsos amigos” em manuais didáticos, específicos para hispanofalantes. Além de tratar do ensino de português para estrangeiros, seu estudo alimenta a discussão na área de lexicografia e da tradução.

De extrema importância, embora menos assíduo atualmente, estão os estudos sobre pronúncia, instrução fonética e consciência fonológica. Ainda no contexto do ensino de português para falantes de espanhol, Rafael Alves de Oliveira, da Universidade Federal de Pernambuco, ocupa-se em estudar a percepção e pronúncia das fricativas anteriores surdas e sonoras do português, contrastando-as com as do espanhol, língua em que as fricativas sonoras aparecem como alofones posicionais ou por assimilação de vozeamento. O autor analisa estratégias de pronúncia e discute a importância da instrução fonética explícita para o aprendiz hispanofalante de português do Brasil.

De forma correlata ao trabalho anterior, Luciana Pilatti Telles e Luciene Bassols Brisolara, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentam argumentos em prol da elaboração de atividades didáticas que oportunizem o desenvolvimento da consciência fonológica de estrangeiros, aprendizes de português e possuam potencial para o ensino de língua e de cultura. A consciência fonológica é, neste artigo, estudada a partir de um livro didático cuja análise é feita concomitantemente à proposição de tarefas integradas à aula. Suas conclusões colocam em questão as relações entre treino da pronúncia e compreensão auditiva e o entendimento da variação fonológica.

As políticas linguísticas e educacionais, relativas à inclusão, vêm fomentando a discussão sobre o ensino de língua portuguesa na sala de aula regular, em que o professor pode receber alunos não falantes de por-

tuguês como língua materna, como é o caso de alunos surdos, estrangeiros e indígenas. Nesse sentido, é de interesse da área de PLNM estudos descritivos que ampliem o conhecimento sobre como funciona o português do Brasil e que ainda sejam capazes de identificar e analisar como o fenômeno descrito é tratado em livros didáticos.

Márcia Cristina de Brito Rumeu e Luiz Fernando de Carvalho, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, oferecem ao professor de língua portuguesa uma reflexão sobre as aproximações e distanciamentos entre pesquisa e ensino, especificamente, sobre o Imperativo Gramatical no português do Brasil. A despeito de certa tendência a buscar apoio unicamente em materiais exclusivos da área de PLNM, importa ao professor de português para falantes de outras línguas construir amplo e sólido conhecimento da língua que ensina e das estratégias didático-metodológicas, relativas à sua atuação. Um estudo sobre os valores do Imperativo pode motivar os professores de PLNM a repensar estratégias para ensinar ao aprendiz usos variados da língua em conformidade com contexto e intenções.

É justamente o distanciamento entre a pesquisa e o ensino, além da falta de formação específica por parte de professores, que acaba por colocar em risco o aprendizado de português por falantes nativos e não nativos. Sidney de Souza Silva, do Instituto Federal Goiano, traz em seu artigo relatos de imigrantes bolivianos que, por vezes, se viram em dificuldades para aprender português em situação formal, dada a maneira como a sua condição de estrangeiro era desconsiderada. Em seu estudo etnográfico, o autor problematiza a questão da aprendizagem/aquisição de uma língua estrangeira e as demandas do aprendiz, a partir de vivências de imigrantes bolivianos em situação de imersão e contexto laboral.

Em consonância com o argumento de que o professor precisa de formação e orientação para o bom desempenho de seu trabalho, Laura Fontana Soares e Gabrielle Sirianni, ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisam uma apostila de Português como Língua de Acolhimento. As autoras identificam na apostila analisada concepções de letramento subjacentes às tarefas propostas. A partir de uma análise crítica discutem possíveis melhorias para o material didático que podem orientar propostas futuras.

Confirmando a trajetória traçada pelas discussões desta edição, Denise Barros Weiss, Mariana Camargo Bessa e Luciana Damasceno Kreutzfeld, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em atitude reflexi-

va, põem-se a analisar criticamente materiais didáticos produzidos e aplicados no âmbito dos projetos que coordenam. Orientadas teoricamente pelos estudos do gênero como ação social, convidam os leitores a pensar o ensino-aprendizagem de português língua não materna através do uso de diversos gêneros textuais com vistas a valorizar ações e papéis sociais nas aulas de PLNM.

Por fim, desejosos de que o leitor ultrapasse os limites das propostas de discussão aqui feitas e construa novos caminhos e conhecimentos no campo em que teve foco, deixamos em suas mãos o número 44 da Revista Matraga. Ratificamos nossa alegria em poder concluir esta edição que representou “a hora e a vez” do Português Língua Não Materna e expressamos nossa gratidão a todos os colaboradores, avaliadores e demais profissionais, envolvidos com a edição e publicação desta revista. Muito obrigado!

Alexandre do Amaral Ribeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Chika Takeda

Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio